



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**KAROLINE NÓBREGA DE ALMEIDA**

**MORTE E IDENTIDADE NA OBRA O PROBLEMA DO PATO: UMA VIAGEM  
INTERCULTURAL**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2016**

**KAROLINE NÓBREGA DE ALMEIDA**

**MORTE E IDENTIDADE NA OBRA O PROBLEMA DO PATO: UMA VIAGEM  
INTERCULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras – Língua  
Portuguesa - da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de graduação em Licenciatura Plena em  
Letras, sob a orientação Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia  
Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447m Almeida, Karoline Nobrega de  
Morte e identidade na obra O problema do pato [manuscrito] :  
uma viagem intercultural / Karoline Nobrega de Almeida. - 2016.  
23 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Literatura Infantil 3. Morte 4.  
Interculturalidade 5. Identidade I. Título.

21. ed. CDD 801.95

**KAROLINE NÓBREGA DE ALMEIDA**

**MORTE E IDENTIDADE NA OBRA O PROBLEMA DO PATO: UMA VIAGEM  
INTERCULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em : 27/06/16.

**BANCA EXAMINADORA**

Ana Lúcia Maria de Souza Neves Nota: 8,0  
Prof.<sup>a</sup> Dra Ana Lúcia Maria de Souza Neves – UEPB  
(Orientadora)

Kalina Naro Guimarães Nota: 8,0  
Prof.<sup>a</sup> Dra Kalina Naro Guimarães – UEPB  
(Examinadora)

Etiene Mendes Rodrigues Nota: 8,0  
Prof.<sup>a</sup> Etiene Mendes Rodrigues – FIP  
(Examinadora)

Média: 8,0

**Campina Grande – PB  
2016**

# MORTE E IDENTIDADE NA OBRA O PROBLEMA DO PATO: UMA VIAGEM INTERCULTURAL

**Karoline Nóbrega de Almeida**

Universidade Estadual da Paraíba

[karolnobrega@bol.com.br](mailto:karolnobrega@bol.com.br)

**Orientadora: Ana Lúcia Maria de Souza Neves.**

## **Resumo**

Este artigo corresponde ao estudo do livro *O problema do pato* (2007), da escritora Maria Valéria Rezende. Trata-se de uma obra indicada para o público infantil que tematiza sobre a morte a partir de um viés intercultural. Para a realização do estudo, recorremos a uma pesquisa de cunho bibliográfico, voltada para a leitura analítica do texto literário. A abordagem da morte aparece na obra atrelada a discussões atuais como diferenças culturais, o diálogo e a relação entre culturas; a identidade como construção sócio-cultural. Em virtude destas questões, selecionamos como referencial teórico autores que trabalham as questões citadas na perspectiva dos estudos culturais, dentre estes: Stuart Hall (1999; 2014); Tomaz Tadeu da Silva (20014); Bauman (2005); Canclini (2006, 2015). Além desses teóricos, recorremos a autores que estudam a literatura infantil e juvenil, percebemos com o estudo que o livro, sob uma “aparente inocência”, apresenta-nos culturas tão diversas, que merecem igual respeito, cada uma com suas peculiaridades, revelando ao leitor vários modos de lidar com a morte. Por meio do registro de crenças e costumes diversos, desperta para o respeito, a tolerância e, principalmente, a importância da convivência com o Outro, de raça, cor, crenças, gênero, nacionalidades diferentes.

**Palavras-chave:** Maria Valéria Rezende. Literatura infantil. Morte. Interculturalidade. Identidade.

## **Abstract**

This article relates to the study of the book *The Duck's problem* (2007), of the writer Maria Valeria Rezende. It is a work indicated to children that thematizes about death from an intercultural view. In order to perform the study, we used a bibliographic research, focused on the analytical reading of the literary text. The approach of death appears in the work linked to current discussions as cultural differences, the dialogue and the relation between cultures; the identity as socio-cultural construction. Because of these issues, we selected as a theoretical referential authors that work the issues cited in the perspective of cultural studies, among these: Stuart Hall (1999, 2014); Tomaz Tadeu da Silva (20014); Bauman (2005); Canclini (2006, 2015). In addition to these theorists, we turned to authors who study children's and juvenile literature, we noticed with the study that the book under an "apparent innocence," presents us with so many defferent cultures, that deserves equal respect each one with its own peculiarities, revealing to the reader several ways to deal with death. Through the registration of different beliefs and customs, awakens to respect, tolerance and, above all, the importance of coexistence with the Other, of race, color, beliefs, gender, different nationality.

**Keywords:** Maria Valeria Rezende. Children's literature. Death. Interculturalism. Identity

## 1- INTRODUÇÃO

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, 27).

A escritora Maria Valéria Rezende é natural da cidade de Santos - SP, onde viveu até sua adolescência. Aos 24 tornou-se freira da Congregação de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho, e ganhou o mundo, dedicando-se a causas sociais. Depois, formou-se em pedagogia pela PUC, língua e literatura francesa pela Universidade de Nancy e fez Mestrado em Sociologia. Mora em João Pessoa - PB desde 1986, onde, durante muitos anos, esteve envolvida com a causa dos trabalhadores rurais no interior paraibano. Atualmente, além de desenvolver um trabalho que ajuda imigrantes da África e do Haiti, tem publicado vários livros, seu último romance- *Outros Cantos*- foi lançado este ano pela Alfaguara.

No período da ditadura, ao auxiliar militantes da esquerda, passou a ser perseguida pelos militares, tendo que deixar o Brasil, foi viver em lugares como Angola, Cuba, Timor, França. Em sua volta para o Brasil, ensinou, através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), sindicalistas, camponeses e presos a ler e escrever. Toda essa experiência de vida é retratada por diversas nuances na obra da autora, que privilegia, em suas narrativas, personagens marginalizados, apresentando-nos vivências e desvendando as mais diversas realidades de forma criativa, leve e sempre bem humorada. Suas histórias transportam o leitor para universos profundamente humanos onde os menos favorecidos e os mais frágeis da sociedade (crianças, mulheres e idosos) são vítimas de posturas autoritárias e preconceituosas. Assim, seus livros apresentam narrativas bem construídas por meio de uma linguagem que casa harmonicamente o erudito e o popular, proporcionando ao leitor reflexões centradas, principalmente, no modo como enxergarmos e lidarmos com o Outro.

Maria Valéria escreveu contos, crônicas romances, literatura infantil e juvenil, sendo considerada uma revelação de destaque entre os escritores brasileiros contemporâneos. Recentemente foi agraciada com o prêmio Jabuti pelo romance *Quarenta dias* (2014), premiação que já tinha vencido duas vezes com os livros *No risco do caracol*, em 2009, e o juvenil *Ouro dentro da cabeça*, em 2013.

Neste artigo trataremos do seu livro infantil *O Problema do Pato*, que traz o tema da morte, mostrando pontos de vista de diferentes culturas sobre a referida temática e despertando nas crianças o conhecimento e o respeito às diferenças de maneira lúdica e

instigante. Ao longo do texto, as crianças mergulham em um mundo imaginário tentando entender o sentido da morte e como lidar com a perda. Do encontro com o Outro, pessoas com tradições e rituais diferentes, ampliam sua forma de ver a morte e conseguem superar o luto. Para isso, visitam diversos países e a região da Amazônia no Brasil, deparando-se com diferentes culturas.

A autora apresenta-nos um viés inovador do livro para crianças, falando de um tema delicado como a morte, privilegia em sua narrativa lugares e culturas ainda pouco abordadas nos livros direcionados para as crianças no Brasil, tais como: a Índia, o México e a Amazônia. Além disso, traz como protagonistas crianças negras, índios, indianos, camponeses, promovendo uma verdadeira viagem intercultural em busca de respostas que só serão alcançadas por meio da experiência, da partilha, do respeito, valorizando a inteligência e a capacidade das crianças de fazerem suas próprias escolhas, contribuindo na formação de cidadãos mais críticos e independentes.

É com o objetivo de compreendermos melhor as nuances da construção deste viés presente no livro *O Problema do Pato*, que desenvolvemos o presente artigo. Para tanto, organizamos o texto em três tópicos: 1) **A morte na literatura infantil contemporânea**, onde pretendemos traçar um breve painel das principais abordagens deste tema, a partir de estudiosos como Fanny Abramovich, Vera Teixeira de Aguiar, entre outros; 2) **Configurações identitárias na construção das personagens da obra** no qual, à luz das teorias de Baumam e Hall, discutimos sobre a relação entre identidade e diferença na construção das personagens; 3) **A trajetória intercultural das personagens em *O problema do pato***, onde, a partir das reflexões de Canclini, pretendemos mostrar como a obra incorpora a visão intercultural, segundo a qual as outras culturas influenciam no modo de agir e pensar das personagens e acabam fazendo parte das práticas cotidianas dos protagonistas. Como afirma Canclini (2011, p.304), “as culturas já não se agrupam em blocos fixos e estáveis e os dispositivos de reprodução se proliferam”.

## 1- A morte na literatura infantil contemporânea

Ler sobre a morte é vivê-la por antecipação, é crescer um pouco mais, internamente, para estar preparado para sua vida. (DIAZ, 1996, p. 9)

A temática da morte também está presente em livros infantis e juvenis e os estudiosos têm apontado para a importância de investigá-la, principalmente, no âmbito da literatura

infantil como forma de diferenciarmos abordagens “pedagogizantes”, ou seja, preocupada em ensinar a criança, de propostas literárias enriquecedoras.

Segundo Rosemberg (1985, p.65-66), há uma ausência do tema da morte na literatura infantil brasileira, sendo mais comum encontrá-la na literatura juvenil e “[...] a serviço da trama, aquela que elimina personagens indesejáveis, ou a morte como castigo e punição. Porém, a morte necessária, visceral, dramática e angustiante, praticamente inexistente”.

Para Abramovich (1989), Sendo a morte encarada de maneira igual ou diferente pelas pessoas e pelas culturas, é necessário que se tenha em mente, que há:

[...] tantas espécies de vida, tantas possibilidades de morte... [portanto] é fundamental discutir com a criança, de modo verdadeiro, honesto, aberto, como isso acontece e como poderia não acontecer... Compreender a morte como um fechamento natural dum ciclo, que não exclui dor, sofrimento, saudade, sentimento de perda [...]. (ABRAMOVICH, 1989, p.113)

De acordo com estudiosos como Abramovich e Rosemberg, a morte deve ser abordada já na infância com naturalidade e leveza. No artigo “Velhice e morte na literatura para crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas”, apresentado no IX AMPED 2012, Silveira apresenta um panorama dos principais estudos realizados por especialistas brasileiros sobre a abordagem da morte em livros literários para crianças.

Dentre os estudos, ela destaca o de Paiva (2008) que realizou extenso exame dos 1735 títulos inscritos por diversas editoras para o PNBE (Programa Nacional da Biblioteca na Escola) 2008, dos quais 1168 foram apresentados para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Na sua pesquisa, Paiva agrupa as obras em três blocos temáticos, inserindo no terceiro agrupamento – o dos “temas delicados”, a temática da morte e constatando que apenas 3% dos títulos inscritos poderiam ser aí classificados. De acordo com Paiva (*apud* SILVEIRA), no agrupamento dos “temas delicados” a morte é o tema mais abordado (12 títulos). Para Paiva (*apud* SILVEIRA, 2012, p.3):

Ao realizarmos uma primeira leitura dos doze títulos que tratam da morte é possível constatar que, por trás de todas as histórias narradas, há uma única e grande história, a do pequeno ser humano em contacto com a finitude da vida. Entretanto, constatamos, também, que metade deles se refere à morte de avós, indicando, de certa maneira, uma tendência de se privilegiar uma morte “natural”, já que são velhos e chegou a hora, mas, em geral, conseguem se despedir e deixar boas lembranças e ensinamentos para os pequenos que ficam.

Tentar proteger a criança, não tratando do tema morte, só dificulta o entendimento delas sobre o ciclo da vida, já que esta é uma situação que não poderemos evitar. A criança está em processo de formação, por isso é natural tantos questionamentos, inclusive sobre morte.

Querer saber mais sobre si, sobre o próximo, sobre seu corpo, sobre as mazelas da vida ou amores é necessário para o seu desenvolvimento. A criança, dependendo do momento, da experiência, das suas dúvidas, pode interessar-se por ler sobre vários assuntos, até mesmo a morte. Apresentar a morte por meio da literatura cuja preocupação principal não seja “ensinar”, característica dos manuais de autoajuda, mas seja capaz de despertar no leitor a capacidade de pensar sobre si, sobre o outro, sobre a vida, sobre a morte; que proporcione o riso, o choro, o gostar, o não gostar etc tudo isso por meio de uma linguagem lúdica, fluida, inteligente e criativa, humaniza e faz amadurecer.

Em *O Problema do Pato*, Maria Valeria constrói uma narrativa aparentemente simples, mas que se move na esfera do simbólico e provoca experiências de encantamento, sensibilidade e criticidade no leitor. Logo no início do texto, as personagens, os irmãos Rodrigo e Renata, deparam-se com seu patinho morto num canto do jardim e a partir daí se promove uma viagem identitária e intercultural das crianças em busca do entendimento da morte. A morte representa na obra o conflito principal responsável pelo desequilíbrio do estado inicial da história. O livro de Rezende assemelha-se as obras onde “[...] o desencadeamento da ação é provocado pelo falecimento de uma personagem, o que gera problemas, a serem tratados no desenrolar das peripécias, isto é, toda narrativa depende da cena da morte.” (AGUIAR, 2010, p. 37)

Assim, na obra de Valéria Rezende, o enredo, isto é, a sucessão de ações e acontecimentos, está construído a partir da morte do animal de estimação, provocando o deslocamento das personagens principais para uma viagem, imaginária, por lugares distantes com visões e rituais diferentes sobre a morte.

Ao chegarem na Índia, lugar representado com muita cor, alegria, seja nas roupas ou prédios da cidade, como mostram as ilustrações do livro, as crianças descobrem que eles queimam seus bichinhos mortos na pira (fogueira). Para os indianos o corpo subirá mais rápido ao céu, feito fumaça, e o espírito ficará livre para nascer de novo, mas não da mesma forma, poderiam voltar como outro animal e até mesmo gente, revelando a espiritualização dos indianos, que encaram a morte física com muita naturalidade, apenas como uma passagem para outras vidas. Os personagens entendem esse jeito de tratarem a morte, mas acham que não dá certo para eles, pois não querem queimar seu pato nem tampouco que ele volte como um elefante ou um macaco, pois os irmãos o querem pato mesmo.

Nos Estados Unidos, outro lugar visitado pelas crianças, as imagens são marcadas pelos tons de preto e cinza, o lado espiritual de como tratam os mortos não é mencionado, tudo é levado para o lado científico. Os corpos vão para um congelador gigante e ficam lá para que

sejam realizadas experiências científicas na tentativa de que em até 100 anos, descubram a cura de suas doenças e possam ser tratados para viver de novo. As crianças rejeitam logo essa possibilidade: “Que horror ficar congelado dentro daquela caixa, mais de 100 anos! [...] Vamos embora depressa, antes que peguem o pato para fazer experiência científica.” (REZENDE, 2007, p.19). Talvez esse tipo de vivência tenha assustado as crianças por fazer parte de uma realidade distante da vivida pelos irmãos, conforme revelam as ilustrações, as crianças moram em uma casa no campo cheio de árvores e coqueiros, um ambiente aparentemente muito caloroso e cheio de vida.

No México, as crianças se impressionam com o modo deles tratarem seus mortos. Rodrigo e Renata descobrem que as pessoas realizam uma grande festa, o dia dos mortos em 2 de novembro, data que corresponde ao nosso dia de finados, só que a comemoração é bem diferente. Na realidade mexicana, cada família prepara uma mesa com as comidas preferidas dos seus falecidos, distribui doces no formato de caveirinhas, fazem o pão dos mortos e decoram tudo muito colorido com tema de caveira. Os meninos ficam espantados como eles não ficam tristes no dia dos mortos e ainda consideram que se trata de uma festa. Pancho e Maribel, seus novos amigos mexicanos, explicam:

Esse dia é para homenagear nossos mortos queridos, mas também para lembrar que esta vida é boa e bela enquanto dura. E a vida depois da morte pode ser melhor ainda! Não é preciso ter medo de morrer, por isso nós nos divertimos muito e nos alegamos nesse dia. (REZENDE, 2007, p. 23 )

Os amigos também explicaram que ficam festejando em suas casas ou cemitérios durante quase dois dias para que seus mortos venham festejar com eles. Rodrigo e Renata simpatizaram muito com as ideias apresentadas e se divertiram, mas achavam que Amarildo iria “ressuscitar” e brincar novamente com eles. Com o passar das horas, perceberam que isso não aconteceu, ficaram tristes e questionam por que os mortos não vieram à festa. Pancho entende o engano e explica:

Claro que ninguém vê os mortos meninos! Pelo menos não vê com os olhos da cara. Nossos antepassados nos ensinaram que eles são espíritos, e os espíritos ficam invisíveis para nós que vivemos deste lado de cá do mundo. Maribel completa:  
Vejo com os olhos de dentro, os do coração, que vêem o invisível. Eu vejo que eles estão vivos, mas de outro modo, em outro mundo. Mas perto de nós e junto de Deus. (REZENDE, 2007, p. 28)

Apesar de todas as explicações, os irmãos ainda não se conformam, queriam brincar novamente com seu pato, e seus amigos continuam:

A alma, essa só muda de lugar, vai para junto de Deus, se espalha pelo Universo todo, está em toda parte e aqui também.

-- Para se espalhar pelo universo inteiro em companhia de Deus, a pessoa não precisa mais de todo aquele material do corpo, precisa só da alma. Eu acho que o peso do corpo só iria atrapalhar, entendeu? (REZENDE, 2007, p. 30)

Renata enfim entendeu e associou a ideia do céu a outra dimensão como num filme que assistira no qual os mortos estavam por toda parte só que invisível, e Rodrigo completa:

já entendi: quem morreu está onde Deus estiver, e eu aprendi que Deus está em tooooooda parte! Quem morre se espalha pelo Universo inteiro, e lá em casa também é parte do universo, sendo assim é para a nossa terra que nós vamos voltar com o Amarildo. Renata também diz:

-- Vamos enterrar nosso patinho no jardim e fazer todo ano uma festa dos Mortos para ele, e esperar que a alma dele festeje com a gente. (REZENDE, 2007, p. 32)

Percebemos que na visita a este país, há uma discussão predominantemente espiritual. As crianças mexicanas falam sobre a presença de Deus, separação de corpo e alma, vida espiritual após a morte, o nosso lugar no universo, a existência do céu, temas muito difíceis de serem tratados, mas que são naturalmente abordados naquele universo infantil e conseguem uma aparente aceitação das crianças, pois demonstram compreender toda essa problemática.

Ao chegarem no México, os meninos já passaram por algumas experiências de como tratar os mortos vivenciadas em outros países e, junto ao modo de encarar a morte, eles constroem um entendimento do sentido da morte e de como querem tratar seus mortos. Nada disso seria possível sem os encontros que eles fazem ao longo dessa viagem. Podemos dizer que, ao ler esta narrativa, uma criança pode fazer o mesmo percurso de reflexões, contribuindo para o seu crescimento:

(...) Querer saber de todo o processo que acontece, do nascimento até a morte, faz parte da curiosidade natural da criança, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular...saber sobre seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação (fácil ou difícil) com os outros faz parte do se perguntar sobre si mesma e do precisar encontrar respostas(...) querer saber mais sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, sofrências, descobertas que outros enfrentam, para poder compreender melhor as suas próprias, faz parte das interrogações de qualquer ser humano em crescimento (...) (ABRAMOVICH, 1994, p.98)

Já com o entendimento de como tratar a morte e de como ela se processa em nossas vidas, Rodrigo e Renata, antes de chegar em casa, passam na Amazônia e descobrem que os índios do Brasil também fazem uma festa para homenagear seu mortos, é o *Quarup*. Diferente da festa mexicana, os indígenas homenageiam uma pessoa específica que morreu e não todos os

mortos da comunidade. Neste dia a festa era para um grande chefe que teria morrido há pouco tempo. A pequena índia Tainá, conhecedora das tradições do seu povo, explica:

A festa do Quarup é pra gente gastar a tristeza e as lágrimas até o fim e voltar a se alegrar. É pra gente ver que sabe tocar a vida pra frente mesmo sem o nosso chefe. Seu irmão Acainã, completa: -- Assim ele fica livre pra ir viver sua nova vida, sabendo que a gente vai saber levar a nossa, aproveitando do bem tudo o que ele nos deixou. (REZENDE, 2007, p. 39)

Mais uma vez é reafirmada na obra o conhecimento e a participação ativa e autônoma da criança. Tainá e os irmãos, Rodrigo e Renata, com a ajuda do melhor menino pintor de lá, Acainã, se pintam todos para participar da festa e presenciaram a chegada de parentes de outras aldeias vizinhas, que traziam muito peixe, caça, frutas. Depois, o Pajé com ajuda de muita gente trouxe um grande tronco de madeira que representava o *Quarup* e este foi todo pintado e enfeitado com plumas no alto, representando o *tuxaua* (chefe) que morreu, este foi colocado no meio da grande praça redonda, foram feitos discursos para mostrar tudo que o morto fez de bom. Todos choraram e generam sem vergonha de demonstrar sua tristeza e Acainã explica:

Quando alguma pessoa querida morre, no começo a gente não se conforma, fica chamando por ela, chorando e gemendo. Nossa tristeza prende a pessoa aqui na aldeia e não deixa espírito se libertar pra ir viver contente em outro mundo. Por isso depois de uns dias do enterro temos é preciso fazer um Quarup pra gente se conformar e deixar o espírito da pessoas partir. (REZENDE, 2007, p.39).

Com o fim da festa do *Quarup*, as crianças já estavam prontas para voltar para casa, agora com a certeza de que a vida continua e que é mais forte do que a morte. Enfim teriam que cuidar do destino de Amarildo. Ao chegarem, colocaram o pato na caixa de sapato que o irmão mais velho André tinha separado, enfeitaram a caixa toda como tinham visto por onde andaram, rezaram, choraram, comeram as caveirinhas de açúcar que trouxeram do México e enfeitaram o túmulo com flores, se despedindo, assim, do seu pato Amarildo.

Toda essa trajetória dos irmãos, desencadeada pela morte do pato, revela a necessidade que temos, seja adulto ou criança, de compreendermos o mundo, e não há forma melhor que o experimento, seja em loco ou através de nossas leituras, vivenciar é aprender, construir um aprendizado e a literatura para crianças e jovens que investe em “critérios estéticos” traz grandes contribuições:

Para a criança, o conto deixa a mensagem de que a morte deve ser considerada um fato natural (as pessoas morrem e isso é inevitável), mas não gratuito. Quando alguém morre, a vida transforma-se, novos arranjos

familiares e sociais organizam-se, daí derivando problemas necessidades de soluções. A morte, por conseguinte, assegura a continuidade da vida, quer por lhe dá nova conformação, quer porque os que vão deixam lições que nos ajudam a seguir o caminho. (AGUIAR, 2010, p. 38).

Conforme destaca Perrotti (1986), a literatura infantil contemporânea, isto é, produzida a partir dos anos de 1970 no Brasil, passa a investir em critérios estéticos não utilitários, deixando de ser moralizante e pedagogizante para ser humanizadora. É dentro deste cenário que o livro de Maria Valéria Rezende aborda de maneira inovadora o tema da morte. A partir de um viés intercultural por meio do qual a questão da diversidade cultural é ressaltada como fundamental para o desenvolvimento humano. É na convivência com o diferente, sem anular a diversidade, que o sujeito compreende melhor a si mesmo, o Outro e a realidade na qual está inserido.

O texto de Valéria Rezende caracteriza-se como estético, pois

tem cunho artístico, surpreendentemente o autor apropria-se do imaginário através incontestável, de conteúdo imaginativo no tratar de questões pertinentes ao universo da infância ou da adolescência . São textos que respeitam a infância e a adolescência como fases de transformação, onde esses seres possam se sentir aptos a modificar uma realidade dada e a atingir uma nova realidade conquistada. (SERRA, 1998, p. 52)

A obra *O problema do pato* apresenta uma linguagem clara e objetiva, que estimula a imaginação e o interesse do leitor, garantindo à criança o lugar central da narrativa, possibilitando a meninos e meninas a oportunidade de vivenciar o conflito da perda e de superá-lo por meio do diálogo, da criatividade e da aprendizagem com o diferente.

## **2- Configurações identitárias na construção das personagens da obra**

Em busca de respostas, Rodrigo e Renata quebram fronteiras, deslocam-se, fragmentam-se e ampliam sua visão de mundo. Em o *Problema do Pato* podemos perceber logo de início a necessidade emergencial dos personagens de estabelecer uma relação de identidade com o “bicho” que agora lhes pertencia e já era amado dando a ele um nome pomposo “Amarildo”, um patinho que, segundo o narrador, “de tão novinho não sabia voar e suas penas eram só uma penugem amarela”. (REZENDE, 2007, p.7)

No texto as crianças parecem não saber o significado do nome Amarildo, que, segundo o dicionário, vem do latim e se origina da palavra *Amarus* (amargo), alusão, talvez, ao amargo sentimento de perda que geraria nos personagens.

Para Baumam (2005), não existe um conceito definido sobre identidade, já que esta vai além da nossa nacionalidade e inclui nossas relações com a família, o estado, a igreja, outras

nacionalidades e, principalmente, com o Outro, nos proporcionando refletir e negociar sobre diversas possibilidades na composição dessa identidade:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação as últimas. Há uma grande probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2005, p.6)

Podemos ver se revelar essa teoria quando as crianças não se conformando com o fato de terem que simplesmente enterrar “seu bichinho”, como manda a tradição de onde vivem, partem para outra dimensão, mundos desconhecidos e ao mesmo tempo imaginários: “ – Não vamos deixar enterrar o Amarildo. Vamos viajar para Índia porque ouvi dizer que lá eles não enterram quem morre.”(REZENDE, 2007, p.9)

Na Índia, os irmãos descobrem que os corpos lá são queimados para que os espíritos fiquem livres e possam nascer de novo, nos Estados Unidos que os corpos ficam congelados para quem sabe em até 100 anos se descubra a cura e talvez eles possam viver de novo. Apesar de os garotos negarem tais possibilidades de despedida do Amarildo, eles estão percorrendo um caminho na formação de sua identidade, visto que o importante não é o objetivo, mas sim o próprio processo na construção desta identidade, o que nos remete à teoria de Bauman do “Sujeito Líquido”, deslocado, fragmentado, que é reportado em sua metáfora do quebra cabeça, no qual a identidade só poder ser compreendida se entendida como incompleta, elaborando um sujeito que salta constantemente à procura do desconhecido. Silva (2014, p.96-97) sintetiza a definição de identidade, destacando:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato-seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

É através da subversão de papéis e relações que Rodrigo e Renata vão compreendendo questões sobre a vida e a morte e formando a própria identidade. Ao chegarem ao México, descobrem que, de maneira diferente da realidade de onde eles vêm, os mexicanos fazem festa para seus mortos, com uma decoração colorida, usando a “caveira” um dos símbolos da morte

como tema em doces e ornamentos, e completam as comemorações com danças e mais comidas gostosas, tudo para alegrar os mortos, que acreditam participarem da festa com eles.

Após participarem de toda essa festança, as crianças se decepcionam, pois percebem que o seu pato não acordou e saiu dançando, assim como eles imaginavam que aconteceria. Então, o amigo mexicano, Pancho, explica:

Mas o corpo, de carne e osso, aqui como lá no seu país, a gente enterra e a terra recebe. Só fica a caveira, o esqueleto. O resto a mãe terra aproveita para criar corpos para outros seres vivos, plantas, bichos, e gente. O corpo dos mortos vai se espalhar pela natureza. Mas é na alma que a vida mora. (REZENDE, 2007, p.30)

Eles refletem, entendem a mensagem e resolvem voltar para enterrar seu patinho, com a promessa de fazer todo ano uma festa dos mortos para ele. Antes de chegarem ao destino final, as crianças ainda passam na Amazônia e descobrem que os índios do Xingu também homenageiam seus mortos, apesar de ser uma festa bem diferente da dos mexicanos:

[...] eles não usam quase nenhuma roupa, mas estavam pintando seus corpos com desenhos lindos, feitos de barro colorido e de tintas do mato, vermelhas, amarelas, pretas e azuladas. Depois vestiram colares, pulseiras nos braços e nas pernas, tangas tecidas com contas coloridas e lindos cocares de penas de aves de todas as cores na cabeça. Uma coisa linda!” (REZENDE, 2007, p.36)

Quando chegam em casa, Renata e Rodrigo enfeitam a caixa como tinham visto no México e no Xingu, também se pintam como os índios:

[...] fizeram de uma vez só um enterro brasileiro, uma festa dos mortos mexicana e um Quarup indígena para Amarildo. E ainda ficaram na esperança de que talvez ele nascesse de novo, como tinha dito o menino da Índia, mas com jeito de pato mesmo.” (REZENDE, 2007, p.44)

Ao incorporar por meio não de uma cópia, mas de uma releitura aspectos da cultura do outro, as personagens Rodrigo e Renata realizam o que Canclini chama de “multiculturalidade”: “A multiculturalidade, ou seja, a abundância de opções simbólicas, propicia enriquecimentos e fusões, inovações estilísticas mediante empréstimos tomados de muitas partes”.

A experiência vivida pelas crianças na obra de Maria Valéria aponta-nos também para a distinção entre o que Silva (2014, p. 100-101) chama de a “diferença do múltiplo” e a “diferença do diverso”:

Aproximar- aprendendo, aqui, uma lição da chamada “filosofia da diferença” – a diferença do múltiplo e não do diverso. Tal como ocorre na aritmética, o

múltiplo é sempre um processo, uma operação, uma ação. A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças [...] a multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina.

Para Bauman, é o processo de globalização que nos permite esse passeio por diversas culturas nos revelando as várias possibilidades de escolhas e desejos na construção da identidade, mas também destaca a fragilidade desta que pode se diluir, fragmentar-se, já que não existe um único caminho ou uma verdade absoluta, é o que denomina de “Modernidade Líquida”.

(...) a respeito da identidade, podemos afirmar com segurança que a globalização, ou melhor, a “modernidade líquida”, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise – da mesma forma que a identidade que se afirma na crise do multiculturalismo, ou no fundamentalismo islâmico, ou quando a internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas. (BAUMAN, 2005, p. 11)

No livro *O problema do pato*, as crianças poderiam simplesmente ter enterrado o patinho Amarildo, como a mãe deles sugeriu, mas eles não aceitam a imposição de ter que fazer o que se manda sem nem ao menos questionar e viajam em busca de entendimento, autonomia e, principalmente, liberdade consciente para decidir o que fazer.

Esse processo de busca traduz uma necessidade de reflexão sobre si mesmo, a própria existência, as relações com o mundo e com o Outro no caminho daquilo que se quer ser e viver. Trajetória que implica o reconhecimento da estreita relação entre identidade e diferença (SILVA, 2014).

### **3- A trajetória intercultural das personagens em *O problema do pato***

No mundo contemporâneo vivemos um processo de interligação social, política, econômica e cultural, trazendo para o centro das discussões temáticas como a interculturalidade, que não é restrita aos estudos literários, mas já amiudadamente estudada pelas mais diversas áreas do conhecimento como, marketing, comunicação, antropologia e sociologia. A interculturalidade dá-se quando há convivência de duas ou mais culturas, sem que nenhuma delas esteja em situação de superioridade ou inferioridade, mas possibilitem integração e socialização entre as pessoas, mostrando que é possível e inevitável esse convívio. É imprescindível destacarmos que essa coabitação de culturas a qual estamos expostos nem sempre é harmônica, naturalmente surgirão conflitos que podem ser sanados

por meio do diálogo e, principalmente, do respeito às diferenças. Em entrevista, Canclini, estudioso desses processos culturais, destaca:

No mundo contemporâneo, o incremento de viagens, de relações entre as culturas e as indústrias audiovisuais, as migrações e outros processos fomentam o maior acesso de certas culturas aos repertórios de outras. Em muitos casos essa relação não é só de enriquecimento, ou de apropriação pacífica, mas conflitiva. Fala-se muito, nos últimos anos, de “choque” entre as culturas. Em todo esse contexto vemos que os processos de hibridação são uma das modalidades de interculturalidade, mas a noção de interculturalidade é mais abrangente, inclui outras relações entre as culturas, intercâmbios às vezes conflitivos. (CANCLINI, *apud* DAMÁZIO, 2015)

Para o referido autor, a globalização foi o aspecto que favoreceu a interculturalidade, proporcionando um contato entre as culturas extremamente intenso. Lembra Canclini, no entanto, que as interações culturais não fazem dissolver as diferenças e alteridade, isto por que a “globalização é a forma mais complexa de interação. Não está mais centrada em apenas um personagem: é a admiração do elemento cultural alheio por meio de várias visões culturais simultaneamente”. (CANCLINI, *apud* DAMAZIO, 2015)

No presente artigo, pretendemos analisar a perspectiva intercultural no texto literário *O Problema do Pato*, que conta a história dos irmãos Rodrigo e Renata, que ganham enfim o tão esperado animal de estimação, o pato Amarildo, mas um dia quando voltam da escola encontram o bichinho morto e, ao se negarem a enterrá-lo, partem para um mundo imaginário, visitando a Índia, os Estados Unidos, México e a Amazônia, na busca por, no contato com essas culturas, encontrar uma solução para trazer de volta à vida seu Pato. No entanto, aprendem que existem diversas formas de lidar com a perda e com a ausência dos entes queridos bem como saudar nossos mortos que vivem dentro de nós e na natureza.

Assim como nos contos de fada, aspecto já apontado por Vladimir Propp na obra *A morfologia dos contos de fada*, a trajetória das personagens inicia-se por um afastamento de sua casa para espaços estranhos, desconhecidos onde os protagonistas passarão por muitas aventuras.

Por se tratar de um conto moderno, outras funções de Propp relacionadas principalmente ao confronto entre herói e agressor (vilão) para proteger uma vítima (mocinha ou princesa), culminando na conquista de um trono ou de um grande prêmio, não são encontradas na narrativa de Maria Valéria Rezende, que é mais voltada para construção do indivíduo e a compreensão dos mistérios da vida a partir de suas próprias experiências.

O primeiro país visitado pelos nossos personagens é a **Índia**. À beira do Rio Ganges, eles conhecem a pira, lugar onde as pessoas levam seus mortos para serem queimados. Lá homens se vestem com turbante na cabeça e sandálias bordadas, já as mulheres se vestem com vestidos, panos coloridos que cobrem a cabeça e pinturas no rosto. As crianças conhecem Barid que explica que, quando o corpo é queimado, logo vira fumaça e o espírito fica livre para nascer de novo. Mas não como pato, ele poderá ganhar uma vida de porco, baleia, elefante ou mesmo de gente. Os meninos não querem outro bicho e recusam-se a queimar o patinho fugindo de lá em busca de outra solução.

**Nos Estados Unidos** se deparam com “um carro preto cumprido e diferente, todo enfeitado de fitas e flores roxos” (REZENDE, p.15) ao contrário da Índia havia “uma gente vestida de preto e com uma cara muito triste.” (REZENDE, p.15) Ao chegarem perto do local onde estava supostamente havendo um velório, “Viram várias pessoas muito tristes saindo daquela casa e carregando um grande tubo de metal prateado, coberto de flores” (REZENDE, p.16), as crianças seguiram os carros e viram quando chegaram a um prédio muito frio que parecia uma geladeira gigante, onde tinha vários tubos como aquele e ao perguntarem o que estava acontecendo descobriram que os corpos estavam sendo congelados para futuramente em até 100 se pudesse descobrir a cura da doença das pessoas que morriam então os mortos poderiam ser tratados e voltar a viver. Diante daquela prática cultural, as personagens sentem-se apreensivas: “Amarildo congelado? De jeito nenhum! Vamos embora depressa antes que peguem o nosso pato para fazer experiência científica.” (REZENDE, p.19) A cena observada mostra-se distante da realidade cultural das crianças.

Já nessas primeiras viagens, podemos perceber o contato das crianças com diferentes culturas, provocando a reflexão sobre o múltiplo modo de existir. A Índia com seu vestir colorido, turbantes e sandálias bordadas valorizando o trabalho manual, com seu ritual de queimar os corpos para que os espíritos fiquem livres, mostrando uma conformidade com a lei natural da vida. Enquanto nos Estados Unidos as cores são escuras, vão do preto ao roxo, e os semblantes são tristes, os lugares são frios como o “prédio que parecia uma geladeira gigante”, onde eram depositados os mortos para que pudessem reviver um dia, revelando um inconformismo com a efemeridade. Duas realidades diferentes que vão servir para a ampliação cultural, o alargamento na forma de ver e compreender dos personagens. De acordo com Canclini (2015, p.17),

Sob concepções multiculturais, admite-se a diversidade de culturas, sublinhando sua diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação. Em contrapartida, a interculturalidade remete a confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que

sucede quando os grupos entram em relações de trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflitos e empréstimos recíprocos.

O livro de Maria Valéria Rezende apresenta-nos culturas diversas, sem julgamento de valor, cada uma com suas peculiaridades, revelando ao leitor vários modos de viver por meio de crenças e costumes distintos, ressaltando a valorização do diálogo, das trocas nas relações sociais. A leitura que promove esse envolvimento intercultural possibilita uma aprendizagem sobre as relações humanas, de maneira lúdica, mostra a importância das escolhas e das singularidades, apontando que existem formas múltiplas de existir.

A viagem prossegue e os irmãos chegam ao México. As margens do Lago de Pátzcuaro, Rodrigo e Renata fizeram amizade com Pancho e Maribel e dizem que querem conhecer como os mexicanos tratam seus mortos. Eles são convidados para participar da festa que é feita para homenagear os mortos e descobrem que faz parte da comemoração uma linda festa com muita iluminação, muitas velas, sino de capela tocando, caveirinhas de açúcar e pão dos mortos feitos especialmente para ocasião, nesse dia ninguém ficava triste, pelo contrário, todos se mostram felizes, pois os mortos se alegravam participando com eles.

Ao final da festa as crianças se decepcionam, pois acreditavam que Amarildo acordaria e sairia dançando e brincando com eles. Pancho explica que os mortos estiveram lá com eles, mas só se pode vê-los com os olhos do coração, eles entendem o que os novos amigos estão tentando explicar, resolvem voltar para casa e finalmente enterrar seu Pato.

Antes de chegar em casa, decidem passar antes **na Amazônia** e visitar os irmãos brasileiros índios do Xingu. Chegando lá descobrem que os índios também tem uma festa para homenagear seus mortos trata-se do *Quarup*, mas muito diferente da festa dos mexicanos. Eles usavam quase nenhuma roupa e pintavam seus corpos com desenhos lindos, feitos de barro colorido e tintas do mato, vestiam colares pulseiras, tangas coloridas, belos cocares de penas de aves de todas as cores na cabeça.

O índio Acainá se ofereceu para pintar as crianças que logo aceitaram, enquanto isso ele explicava tudo que iria acontecer na festa. Viriam parentes, trazendo grandes quantidades de comida para partilha, com o propósito de ter muita fartura no *Quarup*.

O pajé e o chefe da aldeia, com a ajuda de outros índios, trouxeram um grande tronco de madeira que representava o *Quarup*, uma representação do grande chefe que morreu. O tronco foi colocado em lugar de honra, um dos chefes fez um discurso lembrando todos os feitos do falecido, todos choraram muito.

Em seguida, Rodrigo e Renata “viram o povo todo cantar e dançar por muitas horas, com muita arte, tocando flautas de bambu bem compridas, chocalhos e tambores cavados em troncos de árvores”. (REZENDE, 2007, p.40) Viram as mulheres todas juntas cozinhando uma refeição gotosíssima, com tudo o que os convidados tinham trazido. Todos comeram e beberam até se fartar.

Rodrigo e Renata ainda viram outras manifestações, próprias da cultura indígena, como brincadeiras com trocos de árvores em que cada um carregava o troco correndo até não poder mais e passar para outro índio, até que todos participem, também a luta do huka-huka que era feita de dois em dois e por fim a apresentação das moças bonitas da tribo na idade de casar, que tinham ficado muito tempo escondidas numa casa, se preparando e aprendendo conhecimentos de gente grande e apareciam na festa do *Quarup* para escolher um noivo e formar uma família. Na obra, a cultura

[...] não é um suplemento decorativo, entretenimento dominical, atividade de ócio ou recreio espiritual para trabalhadores cansados, mas algo constitutivo das interações cotidianas, à medida que no trabalho, [...] nos demais movimentos comuns se desenvolvem processos de significação. Em todos esses comportamentos estão entrelaçados a cultura a sociedade, o material e o simbólico. (CANCLINI, 2015, P.45)

Ao retornarem a sua casa, os irmãos colocam em prática tudo o que das outras culturas acharam interessante e consideraram que serviam para eles também, demonstrando que a aprendizagem adquirida nas relações sociais não corresponde a um exercício de cópia, mas de interação, confronto, acordos/ desacordos e recriação. Neste sentido, enfeitaram de maneira colorida e alegre como tinham visto nos rituais do México e do Xingu uma caixa para enterrar o pato e também se pintaram como os índios, fizeram de uma só vez um enterro brasileiro, uma festa dos mortos nos moldes mexicanos e um *Quarup* indígena para Amarildo. O diálogo intercultural é revelado nas escolhas e nas divergências, não quiseram queimar ou congelar o morto, como viram em outras culturas.

Todas as ideologias, simbologias, rituais e tradições refletidas durante a narrativa revelam a intensa e já ampla interação entre os povos, sem dúvidas recebemos contribuições da sabedoria e da cultura de outros lugares, seja no nosso modo de se vestir, pensar, trabalhar, ou se relacionar com os outros, e não há como fugir disso, ficando a cargo de cada um fazer suas próprias escolhas.

#### **4- Considerações Finais**

Pudemos perceber no livro *O problema do pato* a presença de aspectos característicos da literatura infantil contemporânea. Dentre estas características destacamos a ênfase na imaginação criadora da criança e a abordagem da morte de maneira criativa, leve e marcada por um viés intercultural, sem preocupações pedagogizantes.

Maria Valéria constrói uma narrativa desencadeada pela morte de um bichinho de estimação e de forma simples possibilita às personagens-crianças discutir e refletir sobre o tema, construindo um entendimento sobre o significado da morte para elas.

No primeiro tópico, **A morte na literatura infantil contemporânea**, mostramos que, para a maioria dos estudiosos, a referida temática deve ser abordada em obras para a criança, rompendo com perspectivas que a consideram um tabu. Para tanto, a morte deve ser representada de maneira criativa e humana como realiza Maria Valéria Rezende no livro estudado. O caráter humanizador da literatura está sendo tomado aqui com base em Candido (2004, p.191): a literatura humaniza “ao trazer livremente em si o que denominamos de bem e de mal. E humaniza porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações”.

No segundo tópico, **Configurações identitárias na construção das personagens da obra**, percorremos, junto com as crianças Renata e Rodrigo, um caminho em busca do desconhecido, tentando encontrar a partir das relações com o Outro, na vivência de outras culturas, respostas de como eles poderiam lidar com a morte. Chegamos à conclusão neste tópico de que, a partir do encontro com o diferente, as crianças conseguiram ampliar sua forma de ver a vida e a morte e superaram seus medos e as suas incertezas. Observamos também que a forma de ver e lidar com a morte ficou marcada pelas experiências adquiridas com as outras culturas. Com isso, as crianças alcançaram a autonomia necessária para tomar a própria decisão sobre o destino de seu animal de estimação.

No terceiro tópico sobre, **A trajetória Intercultural das personagens em *O problema do pato***, há uma aparente influência de diversas culturas que os gêmeos encontram no decorrer dessa viagem lúdica e, ao mesmo tempo, real nos dando lições de amizade, consideração, respeito aos desiguais, as escolhas de cada um, saber ouvir e observar o outro, dialogar, refletir e usar todos estes recursos interculturais na construção de alternativas que melhor satisfaça a realidade e os desejos de cada um. É nesta perspectiva que as crianças voltam para casa enxergando a morte com muita naturalidade e maturidade, sabendo que não há certezas ou verdades absolutas, tudo continua inacabado, e ainda existem diversas possibilidades de ver o mundo, já que a vida continua.

Com base nos aspectos destacados, reafirmamos que o livro *O problema do pato* de maneira criativa, possibilita ao leitor refletir e ampliar a visão sobre o mundo atual. Prevalece,

assim, no livro uma visão estética, lúdica e crítica, sem se prender ao didatismo que a reflexão sobre as consequências dos nossos atos cotidianos poderiam evocar.

Além disso, constatamos que a obra está sintonizada com discussões contemporâneas a nível sociocultural ao refletir sobre a aceitação das diferenças de caráter social e cultural.

#### 4- Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1989.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Orgs.). *Heróis contra a parede*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. 2005. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 1º ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DAMAZIO, Reynaldo. **ENTREVISTA|NÉSTOR GARCÍA CANCLINI. Cultura sem fronteiras.** [https://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura\\_0802\\_8.asp](https://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp). Acesso em 10 de maio de 2016.

DIAZ, Fanuel Hanán. Variações sobre o tratamento dado ao tema morte na literatura infantil. Revista latino-americana de Literatura Infantil e Juvenil. Bogotá. n. 4, jul-dez de 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3º ed. Rio de Janeiro: DPU&A, 1999.

<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,maria-valeria-rezende-viveu-na-rua-para-escrever-romance,1161541>. Acesso em 20 de maio de 2016.

[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo\\_print.php?cod=122](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo_print.php?cod=122)

[https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.../Edu\\_Educ\\_2010\\_1\\_35.pdf](https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.../Edu_Educ_2010_1_35.pdf)

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O Que é morte.** 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil.** São Paulo: Ícone, 1986.

PROPP, Vladimir. **A Morphologie du conte.** Paris: Gallimard, 1970.

REZENDE, Maria Valéria. **O Problema do Pato.** São Paulo: Planeta das crianças, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia.** São Paulo: Global, 1985. (Coleção Teses, 11).

SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras.** São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu; Hall, Stuart & WOODWARD, Kthryn (Org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais*. 15 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Velhice e morte na literatura para crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas**. Disponível em: [www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/...e.../05\\_08\\_08\\_2977-6606-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/...e.../05_08_08_2977-6606-1-PB.pdf). Acesso em 12 de maio de 2015.